

GT 2 – Cidades e Movimentos

FAVELA PÓS-MODERNA

um estudo do contraste da Favela Mário Cardim e o bairro da Vila Mariana

POST-MODERN FAVELA

A study of the contrast between the Mário Cardim favela and the Vila Mariana neighborhood

Tiago Corrêa de Viveiros¹

RESUMO

A presente pesquisa constitui um estudo social sobre a realidade social da favela Mário Cardim, localizada na Vila Mariana, em São Paulo. Buscou-se compreender e analisar as percepções de seus moradores, principalmente no tocante ao contraste social e econômico entre a comunidade e o bairro. Para alcançar este objetivo, um trabalho etnográfico foi realizado, com visitas à comunidade, observações de campo, além de diversas entrevistas feitas com moradores, em conjunto de um diálogo perene com a liderança da comunidade. A pesquisa focou na formação de um senso-comum e opiniões dos moradores, e as constituições externas que formavam o habitus destes moradores, se apoiando nas teorias de Antonio Gramsci e Pierre Bourdieu para a análise das mesmas. Foi identificada uma complexidade resultante da inserção da comunidade em um bairro nobre, mostrada através das percepções dos moradores sobre sua realidade que apresentaram contradições e conhecimentos daquela população, junto com perspectivas positivas e negativas de morar ali e no bairro.

Palavras-chave: Comunidade Mário Cardim; favela; percepções; desigualdade; Vila Mariana

ABSTRACT

This research is a social study on the social reality of the Mário Cardim favela, located in Vila Mariana, São Paulo. The study sought to understand and analyze residents' perceptions, especially regarding the social and economic contrast between the community and the surrounding neighborhood. To achieve this objective, ethnographic fieldwork was

¹ Graduando do curso de Ciências Sociais da ESPM. Contato: titiveiros@gmail.com

conducted, including visits to the community, field observations, and several interviews with residents, along with ongoing dialogue with community leadership. The research focused on the formation of common sense and residents' opinions, as well as the external structures shaping their habitus, drawing on the theories of Antonio Gramsci and Pierre Bourdieu for analysis. The study identified a complexity resulting from the community's presence within an affluent neighborhood, expressed through residents' perceptions of their reality, which revealed contradictions and forms of knowledge within the population, along with both positive and negative perspectives about living in the community and in the neighborhood.

Keywords: Mário Cardim community, favela, perceptions, inequality, Vila Mariana.

Data de envio do artigo: 05/12/2025

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa em questão procura relatar e analisar as percepções dos moradores, com foco no contraste social, da Favela Mário Cardim, localizada na Vila Mariana, cidade de São Paulo. Segundo dados do IBGE de 2010², a mesma contava com cerca de 250 domicílios e 1120 habitantes, ademais, Fabiana³, moradora desde a infância, que também atua na assistência social da Mário Cardim e outras favelas da região da Vila Mariana, refere-se ao número atual como 5000 habitantes. Ela também é a segunda favela com maior densidade populacional da cidade de São Paulo⁴.

É preciso destacar que em torno da favela existem outros grupos de moradores, pertencentes a diversas classes sociais e segmentos econômicos. Localizada na Zona Sul de São Paulo, rodeada por bairros nobres, a favela se apresenta como uma contradição social, visto que há inúmeros estabelecimentos elitizados em seu entorno, que atrai um interesse de

²INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo 2010. Hotsite do Censo Demográfico 2010. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

³ A mesma permitiu o uso de seu nome na pesquisa.

⁴ FOLHA DE S. PAULO. Favelas paulistanas têm o quintuplo da densidade do resto da cidade e esgoto como maior gargalo.*Folha UOL, São Paulo, 27 abr. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2025/04/favelas-paulistanas-tem-o-quintuplo-da-densidade-do-resto-da-cidade-e-esgoto-como-maior-gargalo.shtml>. Acesso em: jun. 2025.

abordagem sociológica e antropológica. Situa-se com seus arredores repletos de instituições para pessoas de alta renda, alguns exemplos são a própria ESPM, a Faculdade Belas Artes (essas duas a 400m da comunidade), a FAPCOM; à distância de uma quadra possui alguns restaurantes de alto desembolso⁵ como o Bar Pirajá, a Taverna Medieval, Jojo Lamen e Bráz Quintal, além da Rua Joaquim Távora a 650m, popularmente conhecido em São Paulo pelo sua densidade de restaurantes e bares; juntam-se também ao redor - e para a pesquisa um dos pontos importantes - diversos prédios residenciais (condomínios) de alto e médio padrão⁶, como o visto na figura 2, o que implica em estes moradores circularem pelas mesmas ruas e estabelecimentos que os da Mário Cardim.

Figura 2 - Foto tirada da academia Ultra na Rua Rio Grande que mostra o condomínio Casas Vila Mariana que divide muro com a comunidade Mário Cardim ao fundo



⁵ O valor de um prato principal nestes restaurantes começa em torno de R\$50, o que já seria mais alto que o valor de um prato médio na cidade de São Paulo que gira em torno de R\$30,80, conforme pesquisa divulgada pela Folha de São Paulo. FOLHA DE S. PAULO. Brasileiro paga R\$ 30,80 em média para comprar um prato feito; alta de quase 5% em um ano. Folha UOL, São Paulo, 22 ago. 2024. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2024/08/brasileiro-paga-r-3080-em-media-para-comprar-um-prato-feito-o-alta-de-quase-5-em-um-ano.shtml. Acesso em: nov. 2025.

⁶ Entende-se por condomínio de alto-padrão, de acordo com o site Quinto Andar (site de importante referência na classificação de imóveis no Brasil) como: “empreendimentos imobiliários que se destacam pelo conforto, praticidade, serviços diferenciados e luxo que oferecem aos moradores.” QuintoAndar. Condomínios de alto padrão: vantagens e características. QuintoAndar Guias, São Paulo, 23 ago. 2023. Disponível em: https://www.quintoandar.com.br/guias/condominios-de-alto-padrao/. Acesso em: nov. 2025.

Fonte: Foto tirada pelo autor

Durante as visitas e conversas, certos relatos chamaram a atenção. Muitos mostram uma ruptura com características que são socialmente recorrentes acerca do tema sobre as favelas: uma comunidade que parece romper com tradicionais paradigmas sobre a análise delas. As pesquisas, a mídia e políticas públicas comumente desenham uma representação de pobreza, baixa qualidade de emprego, baixo poder de consumo, desigualdade social e preconceito quando este é o assunto. Um exemplo deste enquadramento categórico de comunidades é a definição no site do HabitaSampa do que se compreende conceitualmente como favela sob uma perspectiva sociológica convencional:

As favelas se caracterizam por assentamentos precários que surgem de ocupações espontâneas feitas de forma desordenada, sem definição prévia de lotes e sem arruamento, em áreas públicas ou particulares de terceiros, com redes de infraestrutura insuficientes, em que as moradias são predominantemente autoconstruídas e com elevado grau de precariedade, por famílias de baixa renda em situação de vulnerabilidade. (HABITASAMPA)

Na contramão destas perspectivas, a comunidade estudada possui dinâmicas sociais e distintas destas perspectivas descritas, conforme pude constatar de forma preliminar nas minhas primeiras visitas ao campo etnográfico. A estrutura de classe não aparenta ser homogênea e bem definida - a comunidade não pode ser tomada por inteira como vulnerável socialmente e com precarização de trabalho, muitos menos como inteira de classe economicamente baixa - mas sim, contraditória a essas concepções, possui uma diversidade econômica e trabalhista vasta, que vai de caminho contrário às definições oficiais de favela, de modo que esta constatação representa um de nossos principais problemas de pesquisa, além de outros que serão apresentados a seguir. Algumas famílias possuem carros, por exemplo, e demonstram uma estabilidade financeira com empregos com remuneração de classe média alta, como enfermeira-chefe, piloto de avião e professor universitário.

Outra diferenciação da percepção costumeira em torno das favelas, é a classificação das pessoas faveladas como vulneráveis e isentas de direitos e oportunidades. Foi observada

uma maior complexidade acerca desta generalização, como conquistas no que se trata ao acesso à educação e à saúde, com escolas estaduais próximas, além de uma UBS e uma UPA que até possuem ações de vacinação dentro da Mário Cardim.

Na abordagem desta pesquisa, assumo a seguinte posição: o pesquisado não é um gado posto em laboratório, ele é um ser dotado de conhecimentos e filosofia de vida próprias. O pesquisador também não é agente distante e independente da produção de conhecimento, todas as individualidades e subjetividades investigadas na pesquisa devem ser constatadas e levadas em consideração, pois são elas os troncos das árvores plantadas e, portanto, repletas de conhecimentos. Até contextos ortodoxamente dotados de objetividade e impessoalidade, como a realidade estatística, tem sua ineficácia em maior taxa quando não leva em consideração a realidade social e sua adequada tradução, tradução sine qua non para a produção e organização eficaz de conhecimento.

Coloco aqui a condição de desvinculação tradicional de favela como um paradoxo, pois esta ruptura não é total, mas sim parcial. Apesar de parte de seus moradores terem tido uma ascensão social, muitos continuam vulneráveis socialmente, muitos dependentes de auxílios públicos, outros tantos dependentes químicos, com baixa renda e outras características de desigualdade comumente presentes em moradores de assentamentos irregulares. Bourdieu (2013) já fala na completude de um estudo de classes que se mantém válido a partir do incremento de dois espectros de análise acerca do sujeito e seu entorno, sua realidade subjetiva e a objetiva: propriedades simbólicas interpretativas pela referência, e propriedades materiais que se deixam denominar e medir. Aqui encontramos um caminho de não decifrar, mas tentar abraçar a complexidade da realidade social e sua tradução para a instituição acadêmica, para melhor compreensão dos dados abrangentes oriundos da estatística ou do próprio espectro das categorias da ontologia.

O Mapa da Desigualdade (Rede Nossa São Paulo, 2024), embora posicione o bairro da Vila Mariana em um alto ranking (3º lugar com 71,91 pontos), pode, como hipótese de trabalho, mascarar as desigualdades sociais experimentadas pelos moradores de baixa renda na Favela Mário Cardim. Essa discrepância entre os dados amplos e a realidade local justifica a necessidade de um estudo aprofundado que incorpore o recorte racial e de gênero para compreender os dilemas e dificuldades sociais específicos desta população. O sujeito específico da pesquisa, portanto, é a Favela Mário Cardim e a percepção de vivência de seus moradores inseridos em um bairro nobre.

Para superar a insuficiência de dados mais amplos (como os do IBGE ou do Mapa da Desigualdade) que podem ofuscar as peculiaridades da favela devido à sua localização, a metodologia se fundamenta em duas abordagens cruciais. A primeira é a utilização da concepção de "senso comum" de Antonio Gramsci, que envolve o conhecimento da população local sobre sua própria realidade. Esta abordagem é aplicada nas questões abertas da pesquisa, buscando capturar a percepção da experiência dos moradores de viver ali, no meio de um bairro nobre, e o diálogo com o contraste e a diferença entre essas partes que constituem a Vila Mariana. A segunda é a aplicação da metodologia da Felicidade Interna Bruta (FIB), originária do Butão, que serve como um conjunto de marcadores que avaliam parâmetros como bem-estar, uso do tempo e educação. O termo "percepção" no presente estudo é fundamentado pela junção do senso comum gramsciano e da leitura da realidade subjetiva em Bourdieu, além de ser validado politicamente pelo conceito do FIB.

A perspectiva dos moradores é de suma importância, pois lança luz sobre o senso comum que se estabelece em um determinado ambiente, sendo fundamental para desvendar os dogmas e as verdades implícitas que moldam o comportamento e as interações sociais. Essa abordagem permite uma compreensão mais profunda das realidades locais, revelando as nuances e complexidades que outras formas de análise poderiam ignorar. É importante levar em consideração as condições multifatoriais de existência desta favela, sendo inadmissível que a pesquisa seja feita ignorando e invisibilizando fatores críticos como a desigualdade, o racismo, a violência e a pobreza, mesmo que estes não sejam o foco principal, pois permeiam o objeto de estudo.

A pesquisa pretende extrair da percepção de vivência dos moradores, diante deste contraste social, os problemas e obstáculos de existência, mas dando um foco maior para os benefícios percebidos, vantagens e particularidades advindas desta realidade da Mário Cardim. Uma das hipóteses da pesquisa é que a localização não-periférica da favela, no miolo de um bairro nobre, e a integração de classes possibilitam qualidades sociais. Estas incluiriam menor deslocamento para o trabalho, maior oferta e acessibilidade empregatícias, melhor acesso à serviços básicos como de saúde e educação, além de uma maior convivência em espaços de lazer de qualidade restritos ao centro da cidade, como o Parque Ibirapuera e o Sesc Vila Mariana. Outra hipótese é que, juntamente com esses benefícios adquiridos por esta condição geográfica e social, é possível encontrar conflitos, preconceitos e discriminações em

relação à realidade da favela inserida no meio do bairro nobre, retomando a existência dos fatores críticos citados acima.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 TEORIA E METODOLOGIA

Nesta seção, apresento os pressupostos teóricos e metodológicos que sustentam a pesquisa, detalhando as referências que orientaram a etnografia, os métodos aplicados e os critérios que guiaram a coleta e análise dos dados. A abordagem buscou captar as percepções dos moradores da Favela Mário Cardim em relação ao bairro da Vila Mariana, articulando observação participante, entrevistas, conversas espontâneas e um questionário quantitativo complementar.

2.1.1 HABITUS DA FAVELA NO BAIRRO NOBRE

As ideias de Antonio Gramsci e Pierre Bourdieu sobre a formação da subjetividade se entrelaçam. O conceito gramsciano de materialismo sensível (em linha com Marx) – que postula que a materialidade circundante molda o pensamento e as subjetividades – relaciona-se intimamente com o conceito de habitus em Bourdieu. O habitus, introduzido por Bourdieu e Norbert Elias, é um sistema de disposições duráveis e transponíveis, moldado pela estrutura social e experiências pessoais, que influencia as percepções e ações dos indivíduos. Para Bourdieu, ele atua como "estruturas estruturantes" que geram e organizam práticas e representações (BOURDIEU, 2018).

No contexto da Favela Mário Cardim, o habitus é crucial para analisar como os moradores internalizam as condições de vida na favela, o contraste social com o entorno (Vila Mariana) e a estigmatização. A localização em um bairro nobre gera um habitus particular, marcado pela comparação e percepção de desigualdade, influenciando tanto a solidariedade

interna quanto sentimentos de frustração. Compreender esse habitus é vital para a análise dos problemas sociais.

Norbert Elias, em *O Processo Civilizatório*, relaciona a coerção externa de Durkheim com o Superego de Freud, argumentando que a pressão social externa se interioriza, formando a subjetividade e o comportamento. Elias (1990) defende que o processo civilizador é resultado dessa coerção violenta. Essas convergências e divergências conceituais - presentes nas falas dos moradores - fundamentam a análise da pesquisa, permitindo identificar o senso comum gramsciano e a formação da percepção dos residentes sobre sua existência social e subjetiva.

2.1.2 O SENSO COMUM E A OPINIÃO EM BOURDIEU E GRAMSCI

A pesquisa se propõe a valorizar as percepções comuns dos moradores da favela, reconhecendo a inexperiência do pesquisador e a necessidade de ir além de dados quantitativos, que frequentemente uniformizam as favelas. Para isso, utiliza as teorias de Gramsci e Bourdieu, que possuem uma inclinação antropológica ao valorizar as noções, percepções e subjetividades do cidadão comum.

Gramsci defende que o ponto de partida para o trabalho político deve ser o senso comum, entendido como uma visão de mundo desordenada e assistemática, mas difundida nas classes subalternas (DE MARI, GRADE, 2012). O senso comum é constituído pelo materialismo sensível e está em constante transformação, incorporando noções científicas e filosóficas (GRAMSCI, 2022). O autor afirma que "todos os homens são filósofos", enaltecendo a atividade intelectual da população em geral (no caso, os moradores da Mário Cardim).

Bourdieu complementa, tratando da questão da opinião pessoal. Ele argumenta que a expressão (ou não) de uma opinião varia conforme o habitus da pessoa, sendo uma "probabilidade condicional" formada por seu contexto, vivências e percepção de si no mundo. Variáveis como cargo, idade e gênero inclinam o indivíduo a se sentir apto (ou não) a expressar uma opinião política, ética ou moral (BOURDIEU, 2006).

Ambos convergem na proposta de enaltecer a percepção dos cidadãos comuns. Bourdieu reforça a utopia marxista de que todos os homens são políticos, defendendo a

necessidade de promover a aptidão política a toda a sociedade. A pesquisa adota essa perspectiva, utilizando o habitus e o senso comum como ferramentas conceituais para analisar a formação da percepção dos moradores frente ao contraste social da Mário Cardim.

2.1.3 METODOLOGIA

A ferramenta central foi a realização de conversas aprofundadas com moradores da comunidade e do entorno, conduzidas tanto de forma espontânea quanto por meio de roteiros semiestruturados. Algumas interações ocorreram nas residências dos participantes, para criar um ambiente de confiança e abertura. Acompanhado pelas líderes comunitárias, percorri vielas e espaços de convivência, mantendo diário de campo para registrar as influências espaciais, materiais e simbólicas que moldam o habitus e a subjetividade local. As visitas aconteceram ao longo de 2025, com entrevistas de março a novembro e aplicação de questionário no dia 15/11, com 29 respondentes.

A pesquisa bibliográfica incluiu obras de sociologia brasileira, debates sobre raça e desigualdade, habitus e capitais, senso comum gramsciano e estudos sobre o objeto “favela”. Também houve consulta às redes sociais da subprefeitura e uma entrevista com o subprefeito da Vila Mariana.

No campo, percebi inicialmente estranhamentos naturais à presença de um “outro” no espaço cotidiano. A busca contínua foi pela familiaridade mútua - reduzir o impacto da minha presença e permitir que os moradores se aproximassem de seus modos habituais de interação. A etnografia, aqui, assumiu menos um caráter imersivo-sensível e mais um registro de fatos, relatos e acontecimentos, evitando pré-noções e interpretações emocionais, privilegiando a percepção dos próprios moradores. As principais interlocutoras foram as líderes Luciana⁷ e Fabiana, ambas profundamente inseridas na vida comunitária e detentoras de alto capital social. Elas mediaram contatos, mobilizaram entrevistados e contribuíram para a elaboração do questionário. Suas redes, que incluem instituições locais, agentes públicos e moradores de rua, revelam a complexidade das relações da comunidade com o entorno.

⁷ A mesma também autorizou a utilização de seu nome na pesquisa.

A abordagem antropológica se deu pelo registro de percepções manifestas em comportamentos, falas e materialidade espacial, comuns a contextos de desigualdade urbana. Esse conjunto dialoga com o senso comum gramsciano e com a subjetividade bourdieusiana. A prática etnográfica foi guiada pela teoria crítica (ANGROSINO, 2009), que recusa relações hierárquicas entre pesquisador e “informante” e adota uma perspectiva dialógica e colaborativa.

Reconheço que a “neutralidade” é impossível: minha presença altera comportamentos e toda interpretação é sempre de segunda ordem. Ainda assim, a metodologia buscou constituir um espaço horizontal de escuta, valorizando o saber cotidiano dos moradores. Nesse sentido, a pesquisa contribui, mesmo que de forma recortada, para a função do intelectual em Gramsci: articular percepções populares à reflexão crítica e à formulação de ações sociais.

Um episódio marcante ocorreu em 19 de junho, durante uma entrevista com Fabiana, quando um morador idoso, alcoolizado, a abordou. Fabiana relatou sua história - a transformação de sua vida após um casamento frustrado - e explicou por que adia a liberação de sua aposentadoria, buscando antes sua reabilitação. O caso ilustra a complexidade da vida social e a insuficiência das burocracias em lidar com nuances humanas.

No campo das discussões sobre favela, Eugênia Motta (2019) destaca a resistência das comunidades à quantificação estatística e as limitações institucionais para captar realidades instáveis, móveis e desconfiadas do Estado. A autora defende a reformulação das categorias quantitativas a partir da prática etnográfica. Em sintonia com isso, o questionário foi elaborado em diálogo com Fabiana, respeitando especificidades locais. A aplicação ocorreu em parceria com o Instituto Hondatar, instituição próxima à comunidade que oferece oficinas, apoio social e atividades educativas. O trabalho conjunto também materializou a própria função do intelectual, operando na interface entre instituição e realidade social. Embora a amostra de 29 respondentes não permita caracterizar demograficamente a comunidade, ela é suficiente para captar percepções, tendências majoritárias e respostas abertas relevantes para o escopo da pesquisa.

O questionário foi inspirado no índice de Felicidade Interna Bruta (FIB), criado no Butão em 1972, selecionando os campos mais pertinentes ao estudo: padrões de vida, uso do tempo, saúde, boa governança e educação. Essas categorias permitem aproximar

empiricamente as percepções dos moradores da noção gramsciana de senso comum, articulando subjetividade e condições materiais do cotidiano.

2.2 AS PERCEPÇÕES DOS MORADORES

Em uma das visitas para entrevista, no dia 09/09, havia marcado com a Luciana para entrevistar seu Tio, morador há 46 anos da comunidade. O combinado era nos encontrarmos às 8h para a conversa e havia feito um roteiro que teve o objetivo de buscar as percepções individuais dos moradores, questionando-os sobre suas perspectivas acerca da vivência no bairro. O roteiro utilizado nesta visita pode ser encontrado no apêndice B. Durante a entrevista com ele, dois pontos ressaltaram, especificamente quando foram feitas duas perguntas, a primeira: “o que você observa serem as vantagens e desvantagens de morar na Mário Cardim e na Vila Mariana?” - em que segue-se o diálogo:

Entrevistador: O que você observa seriam as vantagens e as desvantagens de morar na Mário Cardim e na Vila Mariana?

Tio: Eu acho bom, ótimo. É bom, sossegado, tem tudo, né? Mercado, farmácia, hospital, tem tudo, né? Tem tudo, feira, tudo, tudo.

Entrevistador: Tem alguma desvantagem que você possa pensar?

Tio: Não, não.

Entrevistador: Com o bairro da Vila Mariana?

Tio: Não, tudo tranquilo. Tudo sossegado. Pode entrar, pode sair, tranquilo. Por enquanto agora até que eu soube, nunca teve.

É clara a satisfação do Tio com o local onde mora, mesmo tendo a oportunidade de apresentar alguma insatisfação ou alguma observação geral sobre a comunidade e o bairro, o mesmo escolhe se ausentar de fazê-la. Em seguida, foi feita a pergunta: “O que os moradores, o governo, poderiam fazer para melhorar aqui no bairro, no geral, na sua opinião?”. A primeira reação dele foi rir, de forma como alguém que ficou sem graça, e dizer: “Não sei”. Logo neste momento, Luciana que estava junta do Tio desde o

início da entrevista, cochichou no ouvido dele algo (que no momento foi pouco audível) sobre crianças e hospital. E o que parecia ser na hora uma infração do rigor metodológico de entrevista, dado por um viés externo ao entrevistado, se mostrou uma exímia pista etnográfica da pesquisa. Sua resposta após esta influência foi a seguinte:

O que a gente poderia fazer é o que, dar um pouquinho para as crianças, né? Coisa mais do que... organizar mais as pessoas, fazer uma pracinha, alguma coisinha, né? Hospital, como tem aí, tem um posto, tudo, né. Ter mais atendimento, tudo, né que eles tem. Mercado tem também já, tem tudo, farmácia, tem.

Aqui, existem dois pontos que exigem uma análise e desenvolvimento. O primeiro é a ausência de resposta do Tio ao ser questionado, em ambas as vezes, sobre as desvantagens e as possibilidades de melhorias; o segundo é a influência de Luciana na resposta. Tratando da primeira, é possível buscar algum diálogo na referência teórica com Bourdieu, principalmente no que o autor discorre sobre opinião pessoal em sua obra “A Distinção” (2006). No oitavo capítulo do livro, chamado “Cultura e política”, o autor faz uma análise sobre a constituição de opiniões pessoais e taxas de não-respostas em algumas pesquisas de opinião. Sua observação é a de que esta taxa de abstenção variava significativamente em função do sexo, idade, nível de instrução, profissão, lugar de residência e tendência política (BOURDIEU, 2006, p.372). Novamente, aqui retomamos a ideia da formação da subjetividade através da materialidade, em que o habitus dos moradores, para mais ou pra menos, determina sua aptidão às respostas e a formulação das respostas em si. Focando nas ausências de respostas, Bourdieu hipotetiza a seguinte tese:

Além disso, a ausência de resposta nem sempre é o produto de uma determinação negativa e, ao lado das não respostas por falta de competência que são, sobretudo, analisadas aqui, convém contar também com as não respostas eletivas, verdadeira abstenção em que se exprime o efeito da discordância com a resposta legítima que, por não ter a ousadia de se exprimir, é objeto de censura, de um conflito ético ou político que não oferece outra saída além do silêncio. (BOURDIEU, 2006, p.374)

Nas pesquisas analisadas pelo autor, o mesmo assimila uma taxa de ausência de resposta maior, no geral, para mulheres e pessoas com baixa escolaridade. Havendo uma taxa menor para pessoas com ensino superior e envolvidas em movimentos sociais e/ou trabalhistas (mesmo essas possuindo menor escolaridade). Aqui é notável a aplicação do capital cultural como variável para a expressão de opinião e a própria participação política, é possível que estas pessoas não se enxerguem na capacidade de fornecer alguma sugestão de melhoria ou indicar alguma situação problemática com o seu entorno. Esta função é atribuída (nesta linha de pensamento) aos indivíduos entendidos como políticos, atuantes nas questões dos meios sociais.

Na entrevista seguinte a do Tio, conversei com um casal de idosos que moravam em uma casa de frente para a rua e o mesmo se repetiu. Acompanhada novamente da Luciana, a entrevista foi feita com ambos e ocorreu um momento, com a Avó, em que não houve resposta para a pergunta da desvantagem, acompanhado de uma cochichada no ouvido por parte de Luciana, o que se sucedeu em uma resposta:

Entrevistador: Pra você, o que você vê serem as vantagens e desvantagens de morar aqui na Mário Cardim e no bairro da Vila Mariana? O que é bom e o que é ruim de morar aqui?

Avó: Olha, eu acho que aqui tudo é bom, né, Lu? Tudo é bom. Porque o mercado é perto, o mercado é perto. Tudo é perto. E o lugar também é bom de morar.

Entrevistador: E a desvantagem, o que você acha? Você acha que tem alguma coisa de ruim ou que pode ser melhorada?

Avó: Eu acho que tem bastante coisa que tem que ser melhorada aqui. Só que eu não sei explicar o quê. Mas...

Entrevistador: Do que você acha, assim? Primeira coisa.

Avó: Ai, Lu, me ajuda.

Luciana: Eu tô falando, nem sei se pode falar.

Entrevistador: Algo que você sente falta, assim, que precisa ter, ou algo que tá... Precisa acertar alguma coisa, assim.

(Luciana cochicha no ouvido da Avó falando que a área da saúde deveria melhorar mais)

Avó: Ou... A área da saúde tinha que melhorar mais. Porque tá muito devagar, viu? É, muito. Tinha que melhorar bastante.

Aqui podemos ver claramente o papel de Luciana na comunidade, como uma representante política da mesma. Na incapacidade de resposta, a Avó recorre a ela para ter uma referência para sua própria realidade. Seguindo a análise a partir das referências teóricas, pode-se assumir que este comportamento se dá devido a posição em que seu habitus se encontra. Dentro disso, a razão exata é incerta, mas - seguindo as condições de altas taxas de não-respostas observadas por Bourdieu - supõem-se que possa ser devido a seu baixo nível de escolaridade e por ser mulher, estando (devido a estas características formadores de sua subjetividade) em posições em que é incomum que tenha que formar uma opinião minimamente política e crítica e seja questionada sobre.

A abstenção de respostas no que tange às percepções de desvantagens e problemas do entorno destes moradores também pode ser observada nos resultados do questionário. Em uma das perguntas abertas, estava esta mesma pergunta: “Quais são as desvantagens de morar na Mário Cardim e na Vila Mariana?”. Ao total, 13 dos 29 entrevistados disseram não haver desvantagens, dando respostas como “não tem”, “não acho que tem desvantagem não, gosto daqui” e “não consigo pensar em nenhuma, a gente vive bem no geral, todo mundo tem moto”.

Como condição de análise, tomamos as perguntas que questionam as opiniões de desvantagens ou de possíveis melhorias da realidade social - individual tendo como perspectiva a noção de realidade a partir da existência singular daquele sujeito respondente e uma perspectiva coletiva, parte da percepção de existência antropológica, se entendendo, a partir de uma alteridade, simultaneamente como parte de um coletivo que abrange a categoria de sua experiência sensível no mundo social - como a da entrevista do Tio: “Tem alguma desvantagem que você possa pensar?”. Existem inúmeros problemas envolvendo a vivência ali que foram relatados por moradores, problemas que abrangem o espectro coletivo e conseqüentemente o individual, como o corte de água, a própria condição de assentamento irregular das moradias com uma iminência de despejamento. Apesar da pesquisa buscar uma

distância do julgo acerca das opiniões e o empoderamento do senso comum dos pesquisados, aqui, assumo que quaisquer não-respostas presentes nas devolutivas de entrevistas não podem ser ingenuamente assumidas como uma tradução literal do senso de que não existem “problemas”, ou por assim dizer pontos a serem melhorados ali naquele contexto de existência.

Além das instâncias relacionadas às hipóteses de não-respostas de Bourdieu, existe um apego afetivo com a comunidade que poderia explicar esta tendência. Principalmente por parte dos idosos, muitos moradores há algumas décadas como o Tio e a Avó, existe uma sensação de pertencimento e comunidade já muito firmada. Muitas pessoas já adultas como Luciana e Fabiana que moram lá desde crianças, tempo em que se criaram laços com outros moradores, seus filhos cresceram e crescem no local, além da confiança nos vizinhos, como comentado anteriormente sobre a questão de não trancarem as portas. A própria Fabiana disse ter a condição de morar em outro lugar, porém a disponibilidade de ajuda dos moradores com sua filha, principalmente em uma situação de emergência ou que ela não esteja lá, é motivo suficiente para que a mesma continue morando em sua casa. Em uma ocorrência em que sua filha precisava ir ao hospital, prontamente alguns moradores com carro se dispuseram a levá-la, além de outra em que Fabiana teve um desmaio em um ensaio na escola de samba com sua filha, tendo de ser internada, e seus vizinhos foram até a escola buscar sua filha para levá-la em casa.

Realizei o mesmo roteiro de entrevista com o Avô, marido da Avó. Porém ao terminar, continuamos conversando ali sobre outros assuntos e continuei questionando os mesmos sobre questões que surgiam. Quando questionado sobre as vantagens e desvantagens, relatou se incomodar apenas com o barulho na rua de noite e os moradores de rua (sua casa dá de frente para a rua e pode ser vista na Imagem X juntamente com ele mesmo, o Avô). Ele disse ter trabalhado como zelador durante 31 anos em um prédio na Rua Gandavo (rua de cima da Mário Cardim) e ter sido oferecida a oportunidade de morar em um apartamento no mesmo lugar enquanto trabalhava lá:

Boa mesmo que eu mesmo não saí daqui porque eu não quis. Mas eu ganhei apartamento pra ir morar e eu não fui. Porque eu não me acostumei no apartamento. Que eu tenho que amanhecer o dia e abrir a minha porta. Não sou acostumado a amanhecer o dia e deixar a porta fechada. Tem que abrir a porta. Isso incomoda muito. Eu ganhei apartamento pra ir morar e eu não quis. De casa eu não saio.

Figura 7 - Foto do Avô na frente de sua casa



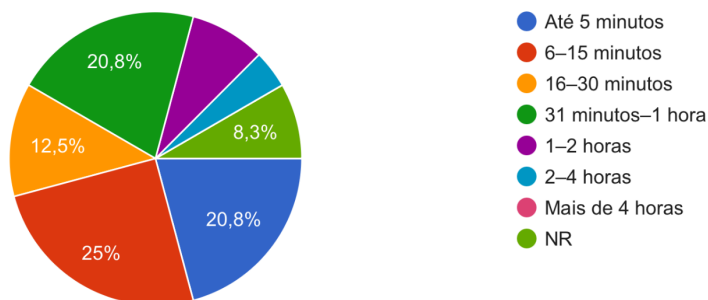
Fonte: Foto tirada pelo autor

O relato do Avô deu inspiração a uma das perguntas do questionário: “Você sairia da comunidade se ganhasse uma nova moradia no bairro?”, em que 4 dos 29 respondentes responderam que sim (gráfico da figura 8). O capital social neste caso é mais valioso que o econômico. Ganhar uma moradia nova no bairro, fora do assentamento irregular, longe da presença do tráfico, sem medo de ações policiais truculentas e com acesso à água normalizada não pesam tanto na balança quanto a relação afetiva com a comunidade. Os laços familiares e sociais formados ali não superam as condições de uma nova moradia no caso destes moradores.

Figura 8 - Gráfico da pergunta 23 do questionário

32. Quanto tempo demora no trajeto até o trabalho?

24 respostas



Fonte: Questionário aplicado pelo Google Forms

No meio da pesquisa, estas percepções positivas acerca da realidade de morar na Mário Cardim e, principalmente na Vila Mariana, se sobressaíram muito, ver esta existência como repleta de pontos positivos foi uma perspectiva de alta recorrência entre os moradores. Pudemos ver no questionário, que a questão da localidade recebeu maior destaque, “é tudo perto” foi uma resposta recorrente nele e também nas conversas de campo. Na pergunta “Quais são as vantagens de morar na Mário Cardim e na Vila Mariana?” presente no questionário, dentre os 29 respondentes, 19 relataram a condição de estar perto de tudo, com alegações como “tem o parque, localização, tem muita coisa do lado. Tem tudo aqui, tanto bem no meio de onde todo mundo queria tá”.

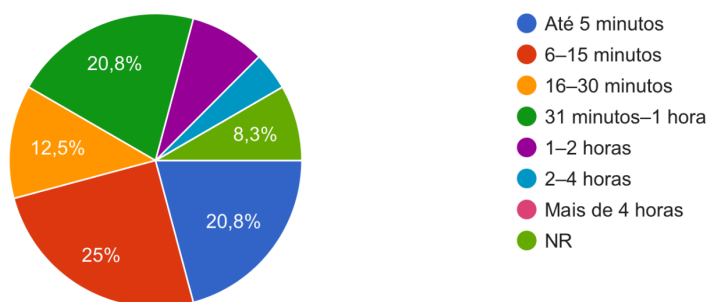
É possível observar, algumas vantagens da favela não-periférica, principalmente neste caso da Mário Cardim, que se mantém em uma região central, com amplo acesso aos serviços básicos e oportunidades de emprego. Fabiana comentou de uma boa recepção das empresas e estabelecimentos ao admitir pessoas que venham da comunidade. Alguns moradores relataram preconceito apenas de uma das empresas do bairro, um escritório da Colgate que divide muro com a favela que não contrata moradores de lá. A informação foi confirmada pelo questionário, em que 18 dos 29 respondentes disseram trabalhar no bairro. Além disso, a mãe de Luciana e outras duas pessoas que conheci do Supermercado Master (na Rua Rio Grande) também trabalham no bairro.

Aqui, este ponto mostra-se como um grande diferencial para esta população, a figura 9 exibe o gráfico que mostra a relação do tempo de demora no trajeto até o trabalho de cada respondente, em que 45,8% demoram até 15 minutos para realizar o percurso. Com menos tempo gasto com locomoção, estas pessoas têm melhores oportunidades para desenvolver seus estudos, cuidados com a saúde física e mental, além de trabalhos paralelos que em um conjunto podem auxiliar uma mobilidade social.

Figura 9 - Gráfico da pergunta 32 do questionário

32. Quanto tempo demora no trajeto até o trabalho?

24 respostas



Fonte: Questionário aplicado pelo Google Forms

Todos estes dados, tanto em sua vertente quantitativa quanto qualitativa, convergem e reforçam a hipótese original do estudo. Esta hipótese postula que a localização de uma comunidade de baixa renda em uma área de alto padrão ou "nobre" da cidade, atua como um fator potencializador para uma percepção mais positiva por parte dos próprios moradores sobre sua condição e seu local de moradia.

Os resultados indicam claramente que, apesar de os moradores reconhecerem e enxergarem as diversas dificuldades, carências e "defeitos" estruturais e socioeconômicos inerentes ao contexto de uma favela, essa visão não se traduz em um sentimento generalizado de desprezo ou autodepreciação em relação ao seu território. A proximidade geográfica com a opulência e as oportunidades do bairro nobre, mesmo que não plenamente acessíveis, parece

mediar e mitigar o impacto psicológico e social da privação econômica, conferindo-lhes uma perspectiva mais otimista e um sentimento de pertencimento mais resiliente ao contexto urbano ampliado.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Mário Cardim sempre esteve ali, no meio do caminho, mas nunca tinha sido realmente vista. O que tinha de mais curioso para ser visto e poderia ser desvelado? Foi dessa combinação de dúvida e incômodo que surgiram as perguntas centrais deste trabalho. Como os moradores percebem sua própria comunidade; como eles se relacionam com o bairro que os cerca; como eles explicam, em palavras e gestos, a experiência de viver em um lugar que mistura presença e ausência de maneira tão marcante. Esse percurso mostrou que a Mário Cardim é muito mais do que uma favela encaixada entre prédios altos. Ela é uma dobra da cidade que revela e esconde ao mesmo tempo. A convivência com os moradores fez com que todas as leituras ganhassem corpo. O que nos livros parecia abstrato e insuficiente no campo aparecia nas conversas, nos olhares, na maneira como as pessoas falavam da própria casa e também dos limites quase invisíveis que atravessam a rua e separam mundos tão diferentes mas tão próximos.

Ao longo da pesquisa, nota-se que a percepção dos moradores não segue um único caminho. Alguns falam do lugar com orgulho e reconhecem vantagens claras na localização, outros descrevem a desigualdade como parte constante de suas vidas, algo que se materializa não apenas nas diferenças econômicas, mas na forma como são tratados pelos vizinhos de fora. A maioria vive entre esses dois extremos, reconhece a praticidade e a facilidade de acesso a serviços, mas também sente, de alguma forma, a distância simbólica que insiste em existir mesmo quando se está apenas a alguns passos de locais valorizados da cidade.

Com o tempo, ficou evidente que o que chamamos de contraste não é só visual. Ele é emocional, relacional, social. Aparece nos detalhes do cotidiano e está na maneira como as pessoas circulam pela Vila Mariana, nos comentários que recebem, nas reações que despertam, nas expectativas de futuro que carregam. É nesse ponto que o trabalho se aproxima das Ciências Sociais e também dos estudos de comportamento. Não é possível

compreender a relação entre pessoas e seus espaços sem olhar para o que elas sentem na prática, a experiência urbana não é apenas feita de infraestrutura, ela é feita de vínculos, interações e percepções.

Este estudo traz contribuições importantes justamente por iluminar essas zonas intermediárias. Ao olhar para uma favela que não está na periferia, o trabalho mostra que a desigualdade urbana não se organiza apenas por distância geográfica, mas também por barreiras invisíveis que moldam a forma de viver. Isso tem impacto direto na vida de organizações, serviços e instituições que atuam nesses territórios, como o Instituto Hondatar e os órgãos públicos. A compreensão fina dessas dinâmicas pode orientar políticas públicas mais atentas ao que de fato importa no cotidiano dos moradores. Pode também ajudar grupos comunitários, escolas, unidades de saúde e até coletivos culturais a reconhecer as especificidades desse tipo de território.

Apesar disso, a pesquisa não alcança tudo que poderia. O campo foi intenso, mas não suficientemente longo para acompanhar mudanças mais profundas no ritmo da comunidade. Alguns temas apareceram com força, como o impacto psicológico do contraste social e as dinâmicas internas de distinção, mas precisariam de mais tempo e aproximação para serem explorados em profundidade. A falta de dados oficiais completos também limitou comparações mais amplas. Essas limitações não diminuem o valor do que foi encontrado. Pelo contrário, elas abrem portas. Estudos futuros podem seguir diferentes caminhos. Investigações mais longas poderiam acompanhar como vínculos e tensões se transformam ao longo dos anos. Outras pesquisas poderiam comparar a Mário Cardim com outras favelas centrais e observar o que se repete e o que se transforma. Há espaço para explorar a relação entre bem-estar, localização e percepção de cidade, algo que aparece com força neste trabalho e merece desdobramentos mais amplos.

No final, o que esta pesquisa revela é que a Mário Cardim - através da sua realidade como um microcosmo - é um espelho que reflete a própria cidade e suas contradições - um macrocosmo. É um lembrete de que São Paulo não se divide apenas em centro e periferia, mas em camadas sobrepostas de convivências e desencontros aglutinados. Entender essa favela é também entender a cidade que a produz, uma cidade que aproxima e afasta, que protege e expõe, que acolhe e rejeita. E que, mesmo assim, continua sendo reinventada todos os dias pelos moradores que insistem em construir sentido e bem-estar em meio às tensões que os cercam.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, Michael. Etnografia e Observação Participante. Penso, 2009

BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. 2. ed. rev. Porto Alegre: Zouk, 2011. 560 p. ISBN 978-8580490121.

BOURDIEU, Pierre. Capital simbólico e classes sociais. *Novos Estudos – CEBRAP (NEC)*, 2013. Disponível em: [\[https://www.scielo.br/j/nec/a/B4QLbKSYLfxdCtHFWDnVxfM/?lang=pt\]](https://www.scielo.br/j/nec/a/B4QLbKSYLfxdCtHFWDnVxfM/?lang=pt)(<https://www.scielo.br/j/nec/a/B4QLbKSYLfxdCtHFWDnVxfM/?lang=pt>). Acesso em: nov. 2025.

BOURDIEU, Pierre. La distinction: critique sociale du jugement. Paris: Éditions de Minuit, 1979.

BOURDIEU, Pierre. Structures, habitus, practices. Cultural Anthropology, v. 2, n. 1, p. 52-79, 1990.

DURIGUETTO, Maria Lúcia. A questão dos intelectuais em Gramsci. Serviço Social & Sociedade, São Paulo, n. 118, p. 265-293, abr./jun. 2014. Disponível em: [\[https://www.scielo.br/j/ssoc/a/4XHZSCstQ7SFCNnM7qZmHds/?lang=pt\]](https://www.scielo.br/j/ssoc/a/4XHZSCstQ7SFCNnM7qZmHds/?lang=pt)(<https://www.scielo.br/j/ssoc/a/4XHZSCstQ7SFCNnM7qZmHds/?lang=pt>). Acesso em: nov. 2025.

DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. 16. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ELIAS, Norbert. Mozart, sociologia de um gênio. Organização Michael Schröter. Tradução Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

ELIAS, Norbert. O processo civilizatório: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 228 p. ISBN 8571105472.

FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes. São Paulo: Globo, 2007.

FREUD, Sigmund. O Eu e o Isso. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal, São Paulo: Global Editora, 2005.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere. Vol. 1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Org.: Carlos Nelson Coutinho; colaboração de Luiz Sérgio

Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022. 490 p. ISBN 978-65-5802-024-0.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil, São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

INSTITUTO CIDADES SUSTENTÁVEIS. Mapa da Desigualdade de São Paulo. Disponível em: <https://institutocidadessustentaveis.shinyapps.io/mapadesigualdadesaopaulo/> Acesso em: 21 maio 2024.

VALLADARES, Licia Do Prado. A invenção da favela: do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005

MARI, Cezar Luiz de; GRADE, Marlene. O senso comum e a educação em Antonio Gramsci: dimensões singulares da práxis. In: MARI, Cezar Luiz de; COELHO, Edgar Pereira; SANTOS, Geraldo Márcio Alves (orgs.). Educação e formação humana: múltiplos olhares sobre a práxis educativa. Curitiba: CRV, 2012. p. 119-130. Disponível em: <https://gepeto.ced.ufsc.br/o-senso-comum-e-a-educacao-em-antonio-gramsci-dimensoes-singulares-da-praxis/>. Acesso em: nov. 2025.

MOTTA, Eugênia. A favela como realidade (in)quantificável: resistência aos números. Mana, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/PB6w3JDbcgDR8cYLbPXwLmP/>. Acesso em: nov. 2025.

MOURA, Clóvis. Dialética Radical do Brasil Negro. 1994.

NASCIMENTO, Abdias. O quilombismo: Documentos de uma militância Pan-Africanista. São Paulo: Perspectiva, 2020.

NASCIMENTO, Vanessa Bezerra do. Projeto Alí na Mário. Revista de Projetos Urbanos, v. 10, n. 3, p. 45-60, 2024.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. 2007

RAMOS, Guerreiro. Negro Sou: A questão étnico-racial e o Brasil: ensaios, artigos e outros textos (1949-73), 2023

RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro?. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOARES DA COSTA, César Augusto. Premissas conceituais sobre a formação do materialismo de Marx. Prax. filos., n. 31, p. 61-72, 2010. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0120-46882010000200004&script=sci_arttext . Acesso em: 23 nov. 2025.

SOUZA, Jessé. A elite do atraso. São Paulo: Leya, 2017.

TELLES, Vera da Silva, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/5C5xy4v5QfCRnC5BThXjGvf/>